

REVISTA *JOSÉ*: TEXTOS E CONTEXTO

*Simone Regina Dias*¹

*E agora, José?/ A festa acabou,/ a luz apagou,/ o povo
sumiu,/ a noite esfriou,/ e agora José?*



A perplexidade inserida nos versos drummondianos percorre toda a trajetória da revista *José* — *Literatura, Crítica & Arte*, que circulou no fim da década de 70. Perplexidade que se instaura diante do impasse.

Considerando-se que o discurso é uma prática no meio de outras práticas sociais, é possível assinalar alguns sinais do fenômeno denominado globalização através da análise do periodismo cultural das últimas décadas. Focalizo a revista *José*, que teve dez números publicados pela Editora Fontana, Rio de Janeiro, no período de 1976 a 1978, propondo nesta leitura os indícios da descrença face à potencialidade da arte e da mudança de estado da cultura contemporânea, além de ressaltar a perplexidade que parece emergir de seus textos.

Nesta abordagem, é pertinente refletirmos sobre as mudanças históricas que estamos vivendo, que são muitas, profundas e irreversíveis, e trazem consigo novos desafios. Registra-se aqui a tentativa de reconhecer esta realidade tão próxima, ler seus sinais através dos textos críticos e propor algumas considerações sobre estas transformações. Para tratar da era da globalização, faz-se interessante pensar a ruptura histórica e epistemológica que estamos vivendo. Histórica no sentido de que o mapa-mundi se esfacela; e epistemológica na medida que os conceitos que utilizávamos para pensar variados temas da teoria contemporânea não servem mais, devido a uma crise no quadro de valores e à multiplicação de paradoxos.

Em relação ao processo de dissolução das fronteiras, é pertinente pensarmos na emergência de uma sociedade civil mundial obrigada a ajustar-se à dinâmica da transnacionalização das economias e globalização dos mercados, contexto que o crítico

¹ Bolsista de Iniciação Científica — CNPq.

Fredric Jameson² relaciona à emergência da nova fase do capitalismo avançado, multinacional e de consumo. Questões como a nacionalidade e identidade sofrem profundas mudanças nestas últimas décadas e um dado que parece significativo neste sentido é a quantidade de artigos traduzidos e publicados no periodismo cultural. Na revista *José*, fim da década de 70, 8% do material publicado são traduções, enquanto na revista *34 Letras* (1988-1990) este quadro praticamente se inverte. O contraste pode estar revelando uma situação nova: o acirramento das perspectivas nacionais e a mundialização da cultura. Na Revista *José*, um sinal, enquanto na *34 Letras* percebe-se claramente a dissolução das fronteiras, fronteiras que estavam muito melhor definidas em periódicos como a Revista do Brasil (1984-1990) e a revista *Argumento* (1973-1974).

As fronteiras se diluem, mas um paradoxo, assinalado por Félix Guattari em seu livro *Caosmose: um novo paradigma estético*, se instala:

Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os chips da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar, tanto as diferenças se esbatem entre as coisas, entre os homens e os estados de coisas. No seio de espaços padronizados, tudo se tornou intercambiável, equivalente³.

Neste processo de diluição das fronteiras e da estandarização do mercado, é preciso considerar o papel das “novas” tecnologias de comunicação, visto que a penetração dos meios de comunicação é intensificada e atinge um grau de influência sem precedentes.

Referindo-nos à publicação de *José*, é necessário assinalar a proliferação de revistas literárias que respaldam o chamado “boom editorial de 75”, no qual surge a revista citada, a *Escrita*, a *Ficção*, a *Inéditos*, *Anima*, etc.; além do espaço aberto pela grande imprensa aos suplementos literários. Devido à concorrência de mercado com as revistas e com os suplementos, a revista *José* busca uma saída para se consolidar e promove um debate⁴, no qual o conselho editorial se reúne com alguns colaboradores para discutir a linha editorial do periódico e a possibilidade de subsistência do mesmo. Percebem-se várias tendências dentro do grupo, uns postulando um posicionamento mais literário da revista, e outros enfatizando a necessidade de publicação de matérias

² *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

³ GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 169.

⁴ Revista *José* n. 9, 1977, p. 2-17.

não especializadas, de interesse generalizado para proporcionar a vendagem e continuidade de *José*. Enquanto Geraldo Carneiro afirma que o problema da revista é a indefinição ideológica e a falta de um posicionamento político, Silviano Santiago enfatiza que não houve por parte de *José* uma autocrítica para saber que num determinado momento ela estava concorrendo com o *Pasquim* e com o *Folhetim*, que se tornaram muito mais eficientes que as revistas literárias, inclusive na própria discussão da literatura brasileira daquele momento.

Ferreira Gullar acredita que a publicação de textos acadêmicos acaba criando uma certa ambigüidade com relação ao público a que a revista se dirige. Sebastião Uchoa Leite gostaria que a revista fosse trimestral, com tiragem reduzida e fosse vendida em livrarias e universidades — “uma espécie de *Almanaque*, da Walnice Nogueira Galvão”. Jorge Wanderley assinala que o problema central de *José* se resume no confronto de uma oposição binária: o pólo vendagem, nível de jornalismo, e o pólo afirmação literária, de uma revista de discussão do literário em si, não-de-bancas, não mensal. O diretor e editor Gastão de Holanda enfatiza a importância da publicação das cartas de Mário de Andrade, o que aumentou a tiragem da revista. Vale uma observação: as vendas do periódico não acompanharam esse aumento. Para Luiz Costa Lima, a primeira coisa grave numa revista de literatura é a seleção do material, sendo que todo mundo tem critérios sobre literatura, mas ninguém os explicita. O ensaísta concorda que falta a *José* um adversário literário, o que interfere justamente na seleção das matérias. Novamente é levantado o problema da indefinição, e a pluralidade do material publicado acaba se tornando um problema quando se busca um posicionamento. Vale salientar que depois desta publicação, a revista só circulou com o último número.

Ressalte-se aqui que os diversos posicionamentos fazem referências à questão do material selecionado e publicado em *José*: afinal, esta seleção define o público leitor e o conceito de literário da revista. A heterogeneidade de temáticas é evidente, pois encontram-se desde ensaios acadêmicos (com um vocabulário mais complexo, exigindo o domínio de determinados conceitos), até uma entrevista com o sambista Candeia. Essa pluralidade de temáticas parece indicar o desgaste da velha distinção entre cultura erudita e cultura popular, o que causa um certo incômodo entre os participantes do debate, que tentavam definir a linha editorial do periódico.

No contexto de nossa discussão, a mescla de referências e a publicação de material tão diverso podem sugerir alguns sinais do processo de mudança de estado da

cultura contemporânea. Sintomas que se encaixam na análise da cena contemporânea proposta por Jameson, e que nos levam a um termo que vem marcando este debate nos últimos anos: a pós-modernidade.

Jameson examina variadas expressões da cultura contemporânea e chama a atenção para uma característica fundamental dos pós-modernistas:

o apagamento da antiga fronteira entre a alta cultura e a assim chamada cultura de massa ou comercial, e o aparecimento de novos tipos de textos impregnados das formas, categorias e conteúdos da mesma indústria cultural que tinha sido denunciada com tanta veemência por todos os ideólogos do moderno (...) O que ocorreu é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades, com um ritmo de turn over cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo⁵.

A crise de valores, a dissolução das fronteiras, o fim das ideologias e das utopias e a mudança de estatuto de conceitos como a originalidade e a autoria indicam algumas tendências deste quadro. Jean-François Lyotard já teorizava sobre as manifestações deste novo contexto na década de 70, levantando uma polêmica que se alastra até nossos dias: a liquidação do projeto de realização da universalidade e da crença no progresso. O conceito pós-modernidade é intrinsecamente conflitante e contraditório, e não se apresenta em substituição do moderno, mas como o seu estado constantemente emergente. Sob esta legenda, duvida-se das certezas, revelam-se descontinuidades e fragmentos, e declara-se entre tantas coisas, o fim da história e o beco sem saída da literatura.

Revela-se uma proposta de leitura: a revista *José* se insere sob o signo da modernidade, apresenta alguns sinais da crise desta era (por exemplo, os indícios do apagamento das fronteiras entre a alta cultura e a cultura de massas), o que, portanto, já pode ser lido como uma tendência da pós-modernidade: diante do impasse, a revista acaba.

É interessante também perceber que o fim do periódico coincide com a morte do crítico modernista Otto Maria Carpeaux. Observemos esta relação com um olhar desconfiado: o início e o fim de *José* com a presença de Carpeaux. As primeiras páginas

⁵ JAMESON, Fredric. *Ibidem*. p. 28-30.

do número 1 da Revista estampam uma longa entrevista com o escritor, que discorre sobre literatura, artes, filosofia e política, e aborda a fragmentação da literatura e a inexistência de movimentos literários na época, deixando transparecer aqui um tom nostálgico. Em vários momentos de seu depoimento, faz alusões à impossibilidade de concluir seus posicionamentos, pois de acordo com o escritor o policiamento ainda persiste. O último número da revista presta uma homenagem ao escritor, que falecera naquele período. Um sinal do impasse diante do desmoronamento de determinados fundamentos, do estremecimento das certezas, da tensão entre os valores e de uma nova perspectiva, um tanto perturbadora, da literatura.

Sobre a questão da censura, comentada por Carpeaux em sua entrevista, e talvez por seu silêncio nos números subsequentes, Luiz Costa Lima assinala um fato pertinente quando escreve um ensaio sobre o sistema intelectual brasileiro: "Se explicamos nossa debilidade cultural pela repressão de um estado inquisitorial, estabelecemos uma cômoda visão maniqueísta"⁶.

O autor propõe então o reconhecimento deste maniqueísmo aqui praticado, do moralismo paternalista e mitificador e revela a importância do exercício da crítica. Persiste o impasse teórico: que espaço existe para a crítica literária em uma revista cultural? Que valores determinarão a publicação do material? A heterogeneidade dos artigos, das temáticas e dos autores (de grupos e tendências bastante distintas, como o caso dos concretos, dos modernistas, dos "marginais") demonstra que uma constante tensão do conceito de literário permeia o conjunto de textos que compõe a revista *José*.

De todo o material publicado nestes dois anos de existência do periódico, 37% dos artigos referem-se a poemas (sendo que 32% são poemas e os 5% restantes são ensaios que teorizam sobre a poesia), o que sugere que esta seja considerada como uma expressão do literário em *José*. O próprio nome da revista, que nasce do célebre poema de Drummond, já indica um sinal neste sentido. O segundo número da revista é marcado pelo "Debate: poesia hoje"⁷, no qual escritores como Luiz Costa Lima, Sebastião Uchoa Leite, Ana Cristina Cesar, Geraldo Carneiro e Heloisa Buarque de Hollanda, organizadora da antologia *26 Poetas hoje*, discutem o lançamento da 'nova' prática poética e os rumos empreendidos por diversos autores naquele momento. Na origem desta produção esteve um movimento denominado 'poesia marginal', e que reivindica uma ruptura com os valores literários em voga. Novamente é levantado o

⁶ Revista *José* n. 1, 1976, p. 15-17.

⁷ Revista *José* n. 2, 1976, p. 2-9.

problema da qualidade dos textos selecionados e da discussão do ser ou não ser poético. A revista segue oferecendo um espaço considerável para a poesia, sem manter vinculação com grupo algum, sendo que várias tendências marcam o fluxo de existência do veículo. Dividem as páginas deste periódico os poemas de Drummond, de Régis Bonvicino e de Ana Cristina Cesar, para citar alguns.

Esta diversidade demonstra que a revista se recusa a ser porta-voz de um grupo, e ela mesma não se constitui como um grupo. É explícito o dilema entre critérios de edição dos textos publicados e critérios de vendagem, revelando a tensão do conceito de literário. A constante indagação que perpassa o poema *José* também permeia o conjunto de textos deste periódico, e como no poema, o fim é um recomeço, e este ensaio fragmento é um desdobramento desta trajetória.

Sozinho no escuro/ qual bicho-do-mato,/ sem teogonia,/ sem parede nua/ para se encostar,/ sem cavalo preto/ que fuja a galope,/ você marcha, José!/ José, para onde?